

## **A Estrutura do Apocalipse**

### **I. Título e singularidade**

#### **1. Título.**

A palavra “revelação” corresponde ao vocábulo grego Ἀποκάλυψις (apokalupsis), em Apo 1.1. A mais antiga forma de o título parece ser simplesmente, “Apocalipse de João”, as palavras anexas “o divino” (teólogos) não remonta antes do século IV (compare o título dado a Gregório de Nazianzo, “teólogo Gregório”).

O livro pertence à classe de trabalhos normalmente chamados de “apocalíptico”, como contendo visões e revelações do futuro, muitas vezes de forma simbólica (por exemplo, o Livro de Enoque, o Apocalipse de Baruque, o Apocalipse de Esdras), mas é duvidoso que a palavra aqui tenha esse sentido técnico.

A tendência no momento é agrupar o Apocalipse do Novo Testamento com os outros, e atribuir a ele o mesmo tipo de origem, como os demais, isto é, no jogo de fantasia desenfreada religiosa, revestindo-se de forma provisória irreal.

#### **2. Singularidade e realidade das visões:**

A teoria moderna informa que o livro do apocalipse é uma miscelânea de fantasias sem fundamento, nenhuma das quais se tornou realidade. Em sua própria reivindicação é um produto de uma aparente verdade profética (Ap 1:3; 22:18), e tem ou terá um cumprimento certo.

Paralelos no livro estão relacionados ao Livro de Enoque e Apocalipse de Esdras. Como regra, as semelhanças surgem do fato de que estas obras desenham as mesmas ideias e imagens do Antigo Testamento. É lá que se deve procurar o simbolismo que João utiliza.

O Apocalipse está mergulhado nos pensamentos, imagens na linguagem do Antigo Testamento (Todo o livro está saturado com ilustrações do Antigo Testamento Ele não fala da linguagem de Paulo, mas de Isaías, Ezequiel e Daniel). Estas observações receberá esclarecimento no que se segue ao livro de Daniel.

## II. Canonicidade e autoria.

### 1. Testemunho da patrística:

As duas questões de canonicidade e autoria estão intimamente ligadas. Eusébio afirma em seus dias que a opinião referente ao livro estava dividida, e ele próprio oscilou em aceitá-lo entre os livros disputados ou classificando-o com o reconhecido (canônico).

Ele disse: “se tal visão (revelação) parece correta, devemos aceitar o Apocalipse de João” (História Eclesiástica, III, 25). O livro foi aceito aparentemente com razão de um levantamento de provas, os quais as mesmas não foram divulgadas.

O primeiro a se referir ao livro foi Justino Mártir (cerca de 140 AD), que fala de como a obra de “um homem determinado, cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo” (Dial, 81).

Irineu (cerca de 180 d.C) repetidamente e de forma decisiva declara que o Apocalipse foi escrito por João, o discípulo do Senhor (Adv. Haer, IV.20, 11;. 30, 4; v.26, 1, 35, 2, etc .), e comentários sobre o número 666 (v.30, 1).

Andreas da Capadócia (século 5), em um comentário sobre o Apocalipse afirma que Papias (cerca de 130 d.C) dera testemunho da sua credibilidade, e cita um comentário por ele feito de Apocalipse 12:7-9.

O livro é citado na Epístola sobre os mártires de Vienne de Lyon (177 d.C); há um comentário sobre o livro feito por Melito de Sardes (cerca de 170 d.C), referente a uma das igrejas do Apocalipse (Euseb., HE, IV, 26); foi usado por Teófilo de Antioquia (cerca 168 AD) e por Apolônio (cerca de 210 d.C; HE, V, 25) - nestes casos, sendo citado como o Apocalipse de João.

É incluído como sendo um João no Cânon Muratoriano (cerca de 200 d.C). A autoria joanina é abundantemente atestada por Tertuliano (cerca de 200 d.C;. Adv III.14, 24, etc), por Hipólito (cerca 240 AD), que escreveu um trabalho sobre ele, por Clemente de Alexandria (cerca de 200 AD); por Orígenes (cerca de 230 d.C), e outros escritores.

Dúvida sobre a autoria do livro foi dito por Alogi (final do século 2), que, com Caio, um presbítero romano (cerca 205 AD), atribuiu a Cerinto.

Mais grave foi a crítica de Dionísio de Alexandria (cerca de 250 d.C), que, por motivos internos, considerou que o Quarto Evangelho e o Apocalipse não poderia ter vindo da mesma caneta (Euseb., HE, VII, 25) por questões da linguagem ser diferente.

O resultado foi que “na igreja ocidental” o Apocalipse foi aceito por unanimidade (EB, I, 193), entretanto as Igrejas Sírias do ocidente tiveram suas dúvidas.

Cirilo de Jerusalém (cerca 386 AD) omitiu de sua lista para não estar no cânon, e escritores de Antioquia (Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto) também não aceitaram.

O cânon ocorreu no Concílio de Laodicéia (cerca de 360 AD), entretanto não nomearam o livro do Apocalipse no cânon por considera-lo duvidoso. Por outro lado, o livro é reconhecido por Metódio, Pamphilus, Atanásio, Gregório de Nissa, Cirilo Alex, Epifânio, etc.

## **2. Testemunho do próprio livro:**

O testemunho da canonicidade, e também para a autoria joanina, do Apocalipse é, portanto, excepcionalmente forte. Essa concepção se dá com o que é afirmado pelo próprio livro.

Proclama-se ser o trabalho de João (Apocalipse 1:1, 4, 9; 22:8), que não é, de fato, o nome próprio do apóstolo.

Eusébio acredita ser o “presbítero João” um personagem que ele conheceu pelas citações de Papias (História Eclesiástica, III, 39).

## **3. Objeções à autoria joanina - Relação com o Quarto Evangelho:**

Uma das causas da hesitação sobre o Apocalipse nos círculos dos teólogos antigos (séc II a IV) era a antipatia de seu milenarismo, e também por uma razão estabelecida por Dionísio de Alexandria (Euseb, HE, VII, 25), o qual com grande habilidade na crítica contrastou o estilo entre o Apocalipse e o Quarto Evangelho ser da pena de João.

Duas obras tão diversa em seu estilo – O Evangelho retrata uma linguagem pacífica, calma, espiritual, cheia de expressões retratando a vida e seu progresso como: “vida,” “luz”, “amor”, “perdão”, “misericórdia”, “compaixão” etc, escrito em grego idiomático.

Entretanto o Apocalipse relata uma linguagem “abrupta”, “material”, “misteriosa”, “imagens horripilantes”, “destruição em massa”, “desgraças”, “legalista”, “sem misericórdia” e seu idioma, às vezes emprega o solecismo (erros gramaticais, em particular de sintaxe) - não poderia proceder do mesmo autor. Fora isso o livro carrega a linguagem na primeira pessoa (Ap 1.9 e 22.8) diferentemente do Quarto Evangelho.

### **3.1. Data tradicional sob Domiciano:**

Eusébio, ao resumir a tradição da Igreja sobre este assunto, atribui o exílio de João a ilha de Patmos, e, conseqüentemente, a composição do Apocalipse, para a última parte do reinado de Domiciano (81-96 d.C).

Irineu (cerca de 180 d.C) diz do livro, “Por que foi visto, não há muito tempo, mas quase em nossa própria geração, no final do reinado de Domiciano” (Adv. Haer., V.30, 3).

Este testemunho é confirmado por Clemente de Alexandria (que fala do "tirano"), Orígenes, e os escritores posteriores. Epifânio (século 4), de fato, coloca (Haer., li.12, 233) o exílio na ilha de Patmos no reinado de Cláudio (41-54 d.C), mas como, na mesma frase, ele fala do apóstolo com 90 anos de idade, é claro que há um erro estranho no nome do imperador.

A data para as condições do livro (decadência das igrejas; perseguição generalizada e grave), e para a predileção de Domiciano, por este modo o banimento (compare Tácito, i.2 História; Eusébio, História Eclesiástica, III, 18 ).

### **3.2. A Teoria de Nero:**

A data tradicional da composição do Apocalipse, por bons escritores, remontam que ele foi escrito antes da destruição de Jerusalém, sob o imperador Galba - ou seja, no segundo semestre do ano 68.

Ele passa a discutir “as provas irrefutáveis” deste. A prova, em resumo, é encontrado no animal (não apareceu até Apo 13) com sete cabeças, uma das quais foi mortalmente ferido, e foi curado (Ap 13:3).

Este é o império romano, com os seus 7 primeiros imperadores, um dos quais é morto, mas retorna a vida novamente como o Anticristo (compare Apocalipse 17:10). A chave para todo o livro é dito para ser dado em Apocalipse 13:18, onde o número da besta é declarado ser 666.

A aplicação do método de valores numéricos (Gematria), este número é encontrado em correspondência com o nome “Nero César” em letras hebraicas (omitindo o yod, a letra hebraica “y”).

Nero, então, é a 5 cabeça que vive de novo, uma interpretação confirmada por rumores prevalentes na época em que Nero não estava realmente morto, mas só escondido, e voltou para governar novamente.

Verifica-se que, retirando o "n" final em “Neron,” o número torna-se 616 - um número que Irineu relatou em seus comentários sobre o assunto (v.30, 1).

### **3.3. A composição:**

Depois de 1882, veio uma enxurrada de hipóteses de desintegração, com base na idéia de que o Apocalipse não era uma unidade, mas fragmentos de trabalhos vários apocalipses judaicos por mãos cristãs, ou pelo menos incorporado no apocalipses (Uslter , Vischer, Weizsacker, Weyland, Pfeiderer, Spitta, etc.)

Gunkel, em sua Chaos und Schopfung (1895), começou outra linha de crítica em sua concepção do livro, não de um apocalipse com base em fontes judaicas judaica, mas da mitologia babilônica.

### III. Plano e Análise do Livro.

#### 1. Escopo Geral:

Depois da introdução, segue-se as cartas para as sete igrejas (Apocalipse 1 a 3), a parte propriamente profética do livro começa com uma visão do céu (Ap 4, 5), e na sequência duas séries de visões do futuro, de forma paralela, ao que parece, uns aos outros - o primeiro, os sete selos, e sob os 7 selos, as sete trombetas (Ap 6 a 11, com interlúdios em Apocalipse 7, e novamente em 10; 11:1-12); depois a mulher e seu filho (Ap 12), as duas bestas (Ap 13), e, depois um novo interlúdios (Ap 14), as 7 taças com as últimas pragas (Ap 15, 16).

A expansão dos últimos julgamentos é dada em imagens separadas (a mulher escarlate, Babilônia, Armagedom, Apocalipse 17 a 19) e, depois, vêm as cenas finais do milênio, a apostasia, ressurreição e julgamento (Ap 20), seguida por novos céus e nova terra, com os descendentes da nova Jerusalém (Ap 21, 22).

O tema do livro é o conflito de Cristo e Sua Igreja com os anti-cristãos, poderes (o diabo, a besta, o falso profeta, Ap 16:13), e da derrota final e decisiva. O clímax está nas palavras: “vem, Senhor Jesus” (Ap 22:20; comparar 1:7), mas é para ser notado, como característica do livro, que, embora esta “vinda” é representada como sendo sempre perto, o fim.

Observa-se que há sempre um novo desenvolvimento dos acontecimentos. Assim, o capítulo 6 gera o parententismo (Rev 6:12-17), onde depois se segue a abertura do sétimo selo (Ap 7), depois uma nova série começa com a trombetas (Ap 8:2 ss).

Da mesma forma, ao som da sexta trombeta, o fim parece próximo (Ap 9:12-21), mas uma nova pausa é introduzido antes da última trombeta ocorrer (Ap 11:15 ss).

Então é anunciada a vitória final, mas ainda apenas em resumo. Uma nova série de visões começa, abrindo perspectivas para grandes, até que, depois dos interlúdios se derrama seis taça de julgamento, o Armagedom é atingido, mas no derramar da 7 taça é proclamado, “Está feito” (Ap 16:17), o fim é novamente adiado até que estas decisões finais são mostradas em detalhes.

Por fim em Apocalipse 19, aparece o cavalo branco – “A Palavra de Deus” (19:13) - e da derrubada decisiva de todos os seus adversários (19:18-21), entretanto o anúncio da prisão de Satanás por 1.000 anos, e o reino de Jesus e os seus santos na terra, é seguido por uma apostasia, e a ressurreição geral e do juízo (Ap 20).

Os números simbólicos que regem principalmente no livro são “7”, o número da perfeição (7 espíritos, selos, trombetas, taças, cabeças de animais), “10”, o número de poder mundano (10 chifres), “4” o número terreno (4 criaturas vivas, cantos da terra, ventos, etc); 3 1/2 anos - 42 meses – “tempo, e tempos, e metade de um tempo” (Ap 12:14) = 1260 dias, o período, emprestado de Daniel (7:25; 12:7).

## **IV. Princípios de Interpretação.**

### **1. Esquema Geral de Interpretação:**

Como um livro destinado a consolação da igreja sob aflições presentes e futuras, o Apocalipse se entende por seu autor para ser entendido (Ap 1:3; 22:7). Ele deve ter tido conhecimento, no entanto, que, enquanto o seu âmbito geral pode ser apreendido, o mistério deve repousar em muitos de seus símbolos, até o momento da sua realização real.

O livro relata a "coisas que devem acontecer em breve" (Ap 1:1) - nos seus primórdios, pelo menos - e as interpretações diversas, desde colocar sobre suas profecias são a melhor prova das dificuldades inerentes a eles. Esquemas de interpretação têm sido geralmente agrupadas em praeterist (as profecias sendo considerada como já preenchidas), futurista (o cumprimento de ser jogado totalmente para o futuro), e a histórica (o cumprimento sendo procurado na história contínua da igreja a partir do dia de João até o fim).

(1) A visão mais praeterist pode ser tomado como representado por Moisés Stuart, que encontra o cumprimento de Apocalipse 6-11 na destruição de Jerusalém (Commentary, 520 ss), e de Apocalipse 13-19 no reinado de Nero (690 ss). Mesmo ele, porém, tem de interpretar o capítulo sobre as últimas coisas do futuro.

(2) A visão futurista liga a toda com os tempos da segunda vinda e do milênio. O animal é um indivíduo que deve aparecer como o Anticristo. Este rejeita as insinuações simples do livro que os eventos previstos leigos, em seus primórdios, pelo menos, no futuro imediato do escritor.

(3) A visão histórica conecta os vários símbolos com ocorrências definidas - como as invasões que derrubaram o Império Romano (os primeiros 4 trompetes), os sarracenos (primeiro ai trompete), os turcos (segunda desgraça trompete), o papado (a besta, Ap 13;, a mulher escarlata, Ap 17), etc Um princípio dia-ano é aplicado para os períodos (1260 dias - 1, 260 anos). Como representantes deste ponto de vista pode ser mencionado Mode, Vitringa, Sir Isaac Newton, Elliott em *Horae Apocalypticae*, A. Barnes.